PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 306-316 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.79942

O FIM DA ARTE: A LIBERDADE DA ARTE ROMÂNTICA EM HEGEL

THE END OF ART: THE FREEDOM OF ROMANTIC ART IN HEGEL

Francisca Maria Oliveira Souza[1]
Marcos Fábio Alexandre Nicolau[2]

Resumo:

Este artigo visa tratar da concepção hegeliana de "fim da arte", cujo enfoque é a efetivação da liberdade que o Espírito Absoluto desenvolveu em sua mediação entre as formas particulares da arte simbólica, clássica e romântica. Objetivamos analisar como a arte se liberta no transbordar da forma ao puro conteúdo realizado na tríade da arte romântica: passando pela *pintura*, pela *música* e chegando em sua suprassunção, à *poesia*, na qual o Espírito Absoluto se volta cada vez mais para sua interioridade, representada aqui pela inspiração do artista. O sistema hegeliano expõe justamente o processo de autoexposição desse conteúdo espiritual, que torna-se tão profundo que trasborda as formas sensíveis, tornando a arte insuficiente para expressá-lo plenamente. Para tanto, o artigo foca nos *Cursos de Estética*, e exploramos o Espírito Absoluto em sua busca pela liberdade e autoconhecimento. Nesse percurso, o conteúdo transcende a forma, e a arte cede lugar a formas mais objetivas de compreensão, como a religião e a filosofia. Ao final, apresentamos que a ideia hegeliana de um "fim da arte" é, portanto, uma suprassunção (*Aufhebung*), uma passagem para um estágio superior da consciência e da liberdade do Espírito Absoluto, livre das limitações da representação sensível em direção a efetivação de seu conteúdo.

Palavras-chave: Formas de arte; estética hegeliana; espírito absoluto

Abstract:

This article aims to address the hegelian conceptin of the "end of art", whose focus is the realization of freedom that the Absolute Spirit developed in its mediation between the particular forms of symbolic, classical, and romantic art. We seek to analyze how art frees itself in the overflowing of form into pure content, realized in the triad of romantic art: passing through painting, through music, and arriving, in its suspension, at poetry, in wchin the Absolute Spirit turns increasinggly toward its interiority, represented here by the artst's inspiration. The hegelian system precisely exposes the process of self-exposition of this spiritual content, which becomes so profound that it overflows sensible forms, making art insufficient to Express it fully. To this end, the article focuses on the Lectures on Aesthetics, and we explore the Absolute Spirit in its quest for freedom and self-knowledge. In this process, content transcends form, and art gives way to more abjective forms of understanding, such as religion and philosophy. Finally, we argue that the hegelian idea of na "end of art" is, therefore, a suspension (Aufhebung), a passage to a higher stage of the Absolute Spirit, free from the limitations of sensible representation toward the realization of its content.

Keywords: Forms of art; hegelian aesthetics; absolute spirit

[1] Mestranda pelo PPGFIL da Universidade Estadual Vale do Acaraú. – UVA. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Códigos de Financiamento 001. E-mail: franciscamariaoliveira976@gmail.com, Lattes: http://lattes.cnpq.br/2502813901738050

[2] Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – PPGE/UFC. Professor Adjunto do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Email: marcos_nicolau@uvanet.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/8690938001272429

Introdução

Nosso trabalho tem como norte tratar de um dos temas mais profundos na seara da estética hegeliana, a questão do "fim da arte", levando em consideração a função que a arte romântica tem em mediar a libertação do espírito da forma em seu *sistema das artes*. Para tanto, julgamos necessário explorar através dos *Cursos de estética*[3], como o Espírito Absoluto trilha sua libertação saindo da forma e alcançando a efetividade no conteúdo.

Na modernidade, a questão da liberdade é retratada por alguns filósofos como, Schelling, Schiller e Hegel de maneiras distintas, no entanto, ainda que cada um dos filósofos desenvolva sua noção a partir de um viés próprio, temos um ponto comum e central em suas concepções modernas de liberdade: ela não é meramente ausência de coerção externa, mas sim um processo de autorrealização e autodeterminação do sujeito.

Nesse sentido, ao analisarmos a liberdade na arte em Hegel somos levados a compreendê-la a partir de sua dialética, ou seja, de um processo que continua a partir do invólucro morto da natureza do qual uma *natureza mais bela* emergiu, a saber, o espírito (cf. Hegel, 1997, p. 554, §376), que iniciou no momento sistemático da *Filosofia do Espírito* uma busca por expressar a verdade que encontrou na forma da arte seu primeiro momento de verdade, não por acaso essencialmente ligado com a matéria sensível. A arte tem a capacidade de apresentar essa liberdade pela sensibilidade da matéria, tornando-a acessível à intuição e à contemplação humana. Não esqueçamos o papel do ser humano nesse processo de autoexposição do Absoluto, pois é no humano que a Natureza, a Ideia essente, se particulariza (cf. Hegel, 1995a, p. 370-371, §244), tomando consciência de si e se responsabilizando por sua historia e cultura - nesse sentido, o homem é um veículo indispensável (cf. Taylor, 2014, p. 68).

Ao captarmos essa proposta sistemática que Hegel elabora em seus cursos, entendemos o porquê seria por meio da arte que o Espírito Absoluto realizaria o necessário momento de exteriorização, ou seja, de objetivação, ao se reconhecer em suas próprias criações, agora por meio da atividade, do fazer, e principalmente da inspiração do artista. Na arte, a autorrealização se manifesta como a adequação entre forma e o conteúdo. Cabendo ao artista o papel de mediador, impondo não a expressão sensível da Ideia de uma forma arbitrária, mas buscando a forma que melhor encarna a Ideia. Na obra *Enciclopédia das ciências filosóficas*, volume I, Hegel, já afirmava que a "idéia é o verdadeiro em sim e para si, a unidade absoluta do conceito e da objetividade" (Hegel, 1995a, p. 348).

A ideia na estética hegeliana ocorre pelo processo de adequação do belo ideal à forma, ou seja, a capacidade que o espírito tem de se tornar sensível na materialidade, e de se suprassumir na dialética simbólico-clássico-romântico. À medida que o espírito vai progredindo na história, ele se exterioriza pela forma na arte e, posteriormente se interioriza no conteúdo da arte. É por isso que Hegel diz que, pela arte de um povo, se conhece muito de uma época. A arte é capaz de mediar essa relação do ser humano com o Espírito Absoluto, do finito com o infinito, através da realização da liberdade, que nesse momento sistemático tem a arte romântica como fundamental para chegar a sua fase mais elevada,

[3] Os *Cursos de Estética* ou *Lições de Estética* de Hegel, inicialmente datam da década de 1820, oriundas de aulas lecionadas por Hegel na Universidade de Berlim. A obra é fruto das anotações feitas por seus alunos, capitaneadas e publicadas por Heinrich Gustav Hotho entre 1835 e 1838, após a morte tão inesperada de Hegel.

suprassumindo a próxima fase da *Religião*, que é a *Filosofia* (cf. Hegel, 1995b, p. 351, §572). A arte ocupa lugar valioso, pois, é nela que temos o primeiro momento do imediato do Espírito Absoluto, que depois avança no tempo em busca de liberta-se das abstrações, rumo à efetividade concreta.

Assim, a noção do "fim da arte" é uma interpretação da libertação do espírito da forma, na qual o Espírito Absoluto vai se desprendendo e alcançando a liberdade na interioridade de si mesmo, ou seja, o Espírito que no primeiro momento tinha necessidade da forma sensível e material para expressar-se, já não se adéqua a esse contexto, e por isso busca outros caminhos, no caso esse caminho da interioridade e reflexão do pensamento, adentrando ao campo do puro conteúdo. Porém, tal liberdade é tanta que o desdobrar moderno apresenta alguns problemas, como a própria concepção do belo artístico, pois afinal o que pode ser considerado arte? Sobre esse caminho que o Espírito trilha, discorreremos com mais afinco a seguir.

Noções de Forma e Conteúdo

Segundo Hegel, "ao atribuirmos a arte alta posição, devemos, entretanto, lembrar que ela não é, seja quanto ao conteúdo seja quanto à Forma, o modo mais alto e absoluto de tornar consciente os verdadeiros interesses do espírito" (Hegel, 2015 p. 34). Como vimos, a arte ocupa um lugar de importante asserção do Espírito Absoluto.

> Para o espírito absoluto, Hegel reserva as considerações sobre a arte, a religião e a filosofia. Ele é absoluto no mesmo sentido que o saber é absoluto: é nesse aspecto que se pode chegar ao saber de uma unidade que contém em si uma identidade entre as partes, como partes de um mesmo todo e, ao mesmo tempo, distintas uma das outras, embora não isoladas nem separadas (Miranda, 2024, 89-90).

Ainda que não seja seu modo mais elevado, na arte o absoluto se expressa de maneira menos penosa do que quando adentra o campo da Ideia passando pela Natureza e pelas coisas do mundo cotidiano. Por *forma* e *conteúdo*, entenda-se que o *caráter material*, do qual temos o contato imediato que a obra de arte é, nos aflorando o sensível, e o *significado espiritual* que ela carrega em si, seu conceito.

Diante disso, se na *Fenomenologia do Espírito,* a consciência parte do momento mais imediato, que é a certeza do sensível, até chegar à sua autoconsciência, na arte o Espírito também parte da imediatez do sensível visando adentrar sua interioridade, ou melhor, sua espiritualidade. A diferença é que, se na *Fenomenologia* tudo ocorre no âmbito da consciência, o desenvolver do Espírito na arte ocorre no âmbito da história, por isso vai progredindo nas particulares formas de arte. Compreendendo que ambos os âmbitos, o da consciência e o da história estão em relação na arte, Werle afirma que "o saber filosófico tem de intervir e emprestar consciência à arte, embora ela própria, como fenômeno espiritual, já seja o início da consciência" (Werle, 2013, p.18). As formas de artes são o modo pelo qual o Espírito vai se adaptando a matéria sensível, maneira pelo qual ele aparece na realidade, e depois de realizar sua adequação na relação forma e conteúdo, progride até liberta-se da determinidade abstrata da forma e trilha seu caminho se tornando conteúdo.

Hegel apresenta três formas de arte ao longo dos *Cursos de estética,* sendo a primeira a arte simbólica, a segunda a clássica, e a terceira a romântica. Essas três

formas de arte vão ao longo da história proporcionar ao Espírito passar por momentos de adequação e inadequação, esses momentos representam o tanto de espírito que a forma abarca em cada momento. Nesse viés, podemos entender que quanto mais carente de espírito a forma estiver, mais matéria a obra de arte possuirá.

Logo, para Hegel a marcha do Espírito na história dependeu dos momentos em que tinha muita matéria (sensível) e pouco conteúdo (espiritualidade), não por acaso o início dessa marcha é marcada por uma forma inadequada de arte, condizente a um período imediato e mais pobre, nomeado como *arte simbólica* (Oriente). Em seguida, ocorreu uma suprassunção, delimitada pela historia da Grécia Antiga até a cultura vivenciada na Baixa Idade Média, período no qual o espírito e a forma tornaram-se mais equilibrados em relação ao período *simbólico*, abarcando na forma a quantidade adequada de espírito. Posteriormente, no período moderno, a forma já não faz a mediação equilibrada para que o espírito se expresse de modo sensível, por isso adentra ao caminho do conteúdo.

Segundo Gustavo Torrecilha no livro *Hegel e as Artes(2022)* o conteúdo da arte "não se trata de um mesmo conteúdo se manifestando sob diferentes formas, mais de conteúdos diferentes, que na progressão do espírito, se manifestam à sua maneira em cada contexto histórico" (Torrecilha, 2022, p. 56). A progressão do espírito para Hegel é constante isso ocorre, pois, "certamente, que o espírito nunca está em repouso, mas é sempre tomado por um movimento para frente" (Hegel, 2003, p. 31). Na medida em que esse percurso muda o interesse e, consequentemente, sua manifestação, seja na esfera do sensível ou no conteúdo, isso muda também.

Portanto, iremos tratar a respeito de cada forma de arte, mas tendo em mente que elas fazem parte de um todo que é o *sistema das artes* hegeliano. A arte simbólica "é ainda abstrata e indeterminada em si mesma e, por isso, também não tem o fenômeno adequado nela mesma e em si mesma, mas se encontra em oposição as coisas externas a ela mesma na natureza e em oposição aos acontecimento humanos" (Hegel, 2014a, p. 20). O Espírito nessa fase não é totalmente livre e nem efetivamente concreto, por esse motivo, ele tem pouco conteúdo e muita matéria. Por isso, ele usa a arquitetura como exemplo, pois seu exterior por vezes não expressa completamente seu real significado na sua interioridade.

O pouco conteúdo que a arte simbólica possui ainda é preso à forma; por isso ainda é o momento imediato que o espírito não revela a verdade[4] da forma de arte. Mesmo assim é indispensável pois corrobora para o início da marcha dialética da arte. Hegel chega a nomear essa arte como uma pré-arte sendo ela parte não totalmente desenvolvida; sua maneira inicial abstrata não possui uma essência individualizada. Quando o homem a produz, reproduz sua apatia "a ele nada interessa e nada é para ele, pois ele ainda não se separou e se libertou por si mesmo dos objetos e de sua existência imediata" (Hegel, 2014a, p. 37).

Hegel discorre que existem três fases da arte simbólica, que é o *simbolismo inconsciente*, o *simbolismo do sublime*, e o *simbolismo consciente da forma de arte comparativa*. O primeiro, o simbolismo inconsciente, nem mesmo pode ser chamado de símbolo ou de arte, já que é apenas a ponte que media essas duas

[4] A verdade da arte tem a ver com sua aparência sensível. A verdade é adequação da ideia que em Hegel é a união entre o que é pensado e que é efetivado concretamente na realidade. A arte, portanto, é a aparência da verdade do espírito que usa a sensibilidade para se mostrar inicialmente ao mundo.

partes. Ao ligar as duas partes, símbolo e arte, temos os primeiros significados universais na arte, porém ainda não apresenta espaço para exaltação da autêntica beleza. O segundo simbolismo, o do sublime, é o lugar das alusões. Para expô-lo Hegel recorre ao que chama de poesia hebraica, que mostra o Deus criador que não é representado por imagem, pois a forma que Ele é apresentado é a própria Criação, ou seja, seus feitos demonstram seu poder e sua existência, seja quando fez o céu, a terra, o mar, as plantas ou os animais. O terceiro simbolismo, o consciente da forma de arte comparativa, é o momento no qual o *todo* preservado como síntese dos dois momentos anteriores, à medida que ainda o significado não é meramente exteriorizado, é o caso da parábola. Assim "o caráter do simbólico constituiu justamente em unir a alma do significado à sua forma corporal sempre de modo apenas incompleto" (Hegel, 2014a, p.153).

Por conseguinte, entendemos que se a *arte simbólica* possui uma incompletude, o Espírito Absoluto então vai buscar completar e terminar de preencher toda a forma de arte com um conteúdo. Desse jeito, encontra na forma da *arte clássica* (Antiguidade ocidental) essa determinação completa, adequada quanto ao seu conteúdo e à sua forma: "é a forma clássica que pela primeira vez oferece a produção e intuição do ideal completo e o apresenta como efetivado" (Hegel, 2015, p. 92). O *belo ideal*, como Hegel apresenta, é o valor da verdade na arte, ou seja, a beleza não depende de um gosto do indivíduo, mas sim da junção da unidade entre forma adequada e equilibrada e um conteúdo que se manifesta de maneira material.

Ademais, é na arte clássica que Hegel engloba os séculos de ouro, ou seja, o período dos acontecimentos históricos que marcaram o ocidente da Grécia Antiga até a Baixa Idade Média. O filósofo enfatiza em seus cursos a representação de cunho antropomórfico idealizada na cultura desses povos como sendo cheia de Espírito, mesmo que ainda na forma sensível. A vitalidade dessa forma artística era tida em alto valor por Hegel, pois, em sua visão, o ser humano e sua representação na arte estaria aqui em perfeito equilíbrio, nós seríamos os únicos seres em contato direto com o Espírito Absoluto. Assim a obra criada pelo ser humano, e na forma humana (antropomórfica), a escultura, por exemplo, seria fruto duas vezes do Espírito Absoluto.

Para Hegel "a forma humana como expressão do espírito é dada ao artista, e de fato ele em geral não a inventa, mas também no particular e no singular está pressuposto o tipo para o reflexo do interior espiritual na forma" (Hegel, 2014b, p. 116). É importante ressaltar que na perspectiva hegeliana temos a divisão do *belo natural* e do *belo artístico*, sendo o primeiro carente de espírito, apresentando meramente uma imitação da natureza e não possuindo consciência de si. Já o segundo é uma criação humana, sendo fruto de uma atitude da consciência em si e para si, estando assim em um grau mais elevado. Na medida em que o Espírito marcha, a humanidade vai se tornando mais consciente e isso se reflete nas formas de arte.

Na terceira forma de arte, a *arte romântica* (Modernidade ocidental), por sua vez carente de matéria por sua abundancia de espírito, a liberdade é tanta que seu caminho independe de uma forma exteriorizada, o percurso é pela interioridade, de modo que a comunicação agora é diretamente de espírito para Espírito sem a mediação da materialidade sensível.

Mediante isso, obedecendo à tríade dialética, a arte romântica é dividida pelas seguintes divisões: a *pintura*, a *música*, e a *poesia*. A pintura é o momento mais imediato da arte romântica, possuindo a dependência da materialidade pelas

cores e dos instrumentos (pincel, tela etc.). Já a música tem certa precisão pelo abandono da dimensão espacial, expressando-se pela dimensão do tempo, como uma partitura pode captar, e no domínio do som, sendo por isso mais elevada que a pintura, ainda que não seja totalmente desapegada do sensível.

Por fim, a poesia que embora possa ser escrita no papel e recitada ou declamada pela poetisa, unificando os dois momentos anteriores, demonstra ser a mais livre das formas de arte romântica, pois adentra a figura do pensamento, da reflexão, sendo seu meio de mediação unicamente a interioridade, seja no ato de criar, seja no ato de experienciar esteticamente. Nesse sentido, Márcia Gonçalves assevera que "o conceito hegeliano de arte romântica envolve uma nova definição de beleza, não mais como harmonia entre o interior espiritual e o exterior corpóreo" (Gonçalves, 2001, p. 338). Esse percurso de libertação da forma será melhor exposto a seguir para analisarmos a poesia lírica e a prosa no mundo.

Liberdade da arte romântica

Se na *Fenomenologia do Espírito* Hegel já afirmava que "no pensar, Eu sou livre" (Hegel, 2003, p. 152). Ao expor o ápice de seu sistema, o Espírito Absoluto, aprofundado através de seus cursos na *Universidade de Berlim*, opta por demonstrar como cada um dos momentos dessa autoexposição do Espírito expressa de forma efetiva essa liberdade do pensamento. A liberdade total que o sistema das artes sintetiza é o momento que marca a suprassunção da arte, sendo a poesia aquela que detém o conteúdo que faz o Espírito sair de uma dependência formal do exterior rumo a um acesso à sua liberdade interior.

> O espírito, que tem como princípio a adequação de si mesmo, a unidade de seu conceito com a realidade, apenas pode encontrar sua existência correspondente em seu mundo espiritual familiar próprio do sentimento, do âmbito, em geral, da interioridade. Desse modo, o espírito chega à consciência de ter seu outro, sua existência, enquanto espírito, junto a ele mesmo, e assim de desfrutar primeiramente sua infinitude e liberdade (Hegel, 2014a, p. 252).

A liberdade da arte que Hegel se refere é a passagem do Espírito que outrora tinha a necessidade da mediação da matéria e de estar presente na intuição sensível para ser reconhecido sem a necessidade da expressão material. O percurso pela exterioridade não conseguiu dar conta dos interesses do Espírito na modernidade e precisou adentrar a interioridade com intuito de desfrutar a liberdade completa e o acesso a infinitude.

Eis que chegamos ao momento de explorar melhor a tríade dialética que o filósofo articula para explicar como ocorre a libertação progressiva e o contato com esse outro de si mesmo na arte romântica, o que nos encaminhará diretamente ao tema do fim da arte. Notemos que o percurso trilhado pelo Espírito levou tempo; ele não sai da forma subitamente, foi necessário que na arte romântica os artistas tenham produzido três modos de performar, a *pintura*, a *música* e a *poesia*, para justificar tal asserção espiritual.

Rememoremos que a primeira performance de arte romântica é a *pintura* que "na verdade, também trabalha para a intuição, mas de um lado que o objetivo, que ela expõe, não permanece uma existência natural efetiva, total, espacial, mas torna-se um reflexo do espírito" (Hegel, 2014b, p. 202). Desse modo, na pintura o Espírito toma a liberdade da forma com o objetivo de mostrar outras formas, mas agora não por meio da escultura, ele começa a adentrar sua interioridade por meio

da coloração, com intuito de que as formas mais suprimíveis tornem-se efetivas e aparentes. A pintura não é tão desenvolvida como a música e a poesia, mas ela ainda consegue pela exterioridade um diálogo com interior. Um exemplo é a *Pintura Holandesa* do século XVII, que demonstra as relações do cotidiano. Seu modo de pintar torna visível o cotidiano das relações humanas, aflorando a ousadia e a alegria da fantasia, tornado o artista livre para expressar seus sentimentos corriqueiros.

Para Hegel, a arte da pintura vai além de representar o ser humano ou para retratar momentos históricos, é claro que essas representações tem sua indispensável importância, porém, a pintura holandesa é meio para que o ser humano expresse e torne efetivo e sua experiência sensível do fato de sua humanidade. A segunda forma de arte romântica, a música, difere em partes da pintura.

> A música alcança uma relação com o conteúdo que ela expressa, na medida em que ou se associa, como acompanhamento, aos sentimentos já expressados pela palavra, pelas representações e pelas considerações ou se move livremente em seu próprio âmbito (Hegel, 2014b, p.281).

A liberdade da música está interligada a liberdade do artista que a criou, que ao tornar a palavra cantada também faz de si mesmo a obra de arte animada. Segundo Hegel, a música tem dois lados, em um lado ela tem de se adequar a um conteúdo, e no outro ela é extremamente livre e autônoma. Enquanto que a primeira é só uma reprodução do que já existe, a segunda é a composição, nela o artista melhora o que já foi criado aprofundando o que é superficial.

No que se refere ao som musical dos instrumentos, representa "o domínio extraordinário sobre o exterior, mas coloca para fora a liberdade interior sem entraves" (Hegel, 2014b, p. 341). Na medida em que pelas notas musicais o ser humano, em peculiar aqueles que são gênios musicais, segundo Hegel, tornam algo como um instrumento musical que é totalmente inanimado em completamente animado, executam o laço da fantasia genial que antes estava no interior do artista e toma liberdade na composição.

No entanto, não podemos negar que a liberdade do Espírito na música é limitada, já que há uma dependência do músico em relação aos instrumentos, ou seja, ainda dependente da forma, pois o artista ao compor ainda precisa do instrumento musical como referência de harmonia sonora, como a de uma guitarra, por exemplo. Ele faz dos deslizar dos dedos na forma surgir uma melodia, sua capacidade de fazer isso para Hegel é genial, mas ainda não revela a total liberdade, que só vai ser concretizada na última performance artística romântica, a poesia.

O terceiro estágio e mais elevado é a *poesia*, nessa performance ocorre que a "arte também ultrapassa a si mesma, na medida em que abandona o elemento da sensibilização reconciliada do espírito, e da poesia da representação passa para a prosa do pensamento" (Hegel, 2015, p. 102). A arte que outrora era mais abstrata ligada sempre à forma e ao conteúdo, na modernidade passa a ser mais racionalizada e, por isso, seu percurso é pela interioridade do pensamento.

Destarte, nessa nova fase:

> a poesia é a forma suprema em que a arte está pronta para passar para a representação. O meio da poesia é a linguagem. Ora, quando a linguagem chega, em última instância, à clareza descritiva, as propriedades como meio físico deixam de ser importantes" (Taylor, 2014, p. 517).

É notório que o resultado mais elevado do processo de suprassunção do Espírito Absoluto, é a Filosofia, cujo desdobrar se dá através da linguagem, então para que Hegel fizesse essa passagem da arte para religião, e dessa para a filosofia, ele teria que deixar no seu primeiro movimento algo que não fosse totalmente desenvolvido, mas já apresentasse relação com o todo final, e a poesia é representar esse momento mais concreto da arte, estabelece a linguagem, principalmente a escrita, como o modo mais expressivo e livre de expressão do Espírito em nível estético.

Para Saes, "as considerações sobre expressões linguísticas deixam claro que ele as considera como material sensível insuficiente para realizar parte importante da sua tarefa ou finalidade" (Saes, 2019, p. 237). Por mais que a poesia seja a forma mais elevada da arte, e que ela ainda tenda a um progresso e sofisticação, Hegel que anuncia que o fato de superarmos a exterioridade da forma, adequando as artes particulares aos anseios do Espírito Absoluto pelo conteúdo e sua expressão, deve implicar o esgotamento desse estágio no âmbito do sistema do idealismo absoluto. No que tange ao âmbito da intuição sensível, chegamos ao ápice, pensa o filósofo, logo o próximo passo especulativo deve ser dado em outro âmbito, o da representação, que tem a Religião como estágio necessário a ser trilhado rumo ao âmbito do conceito, desbravado pela Filosofia. E é nesse contexto que se origina um dos problemas estéticos mais estudados após a época de Hegel, a questão do "fim da arte".

O fim da arte

Para que Hegel desenvolvesse sua filosofia da arte, como já comentado anteriormente, ele faz uma colheita das experiências de cultura junto com o desenvolver da história, e assim compara a arte da antiguidade, com a clássica e, por fim, com a romântica. Ao comparar as formas de arte ele concluiu que a arte de seu tempo, ou seja, a do tempo moderno perdeu lugar, pois o pensamento e reflexão tomaram lugar central da arte moderna tornando-se livres de suas formas e conteúdos.

Segundo Losurdo, o que ocorre no período moderno é uma mudança, no sentido de que a chegada das leis, tiram do indivíduo todo e qualquer aspecto heróico em decorrência do cumprimento de respeito e dever às leis: "A transformação dos heróis, inclusive dos heróis da moral, em cidadãos membros de um Estado ordenado é também a transformação da poesia em prosa" (Losurdo, 2019, p. 325). Na poesia lírica "Devemos, por isso, ver o interior subjetivo como ponto de unidade propriamente dito do poema lírico" (Hegel, 2014c, p. 177). Ela abarcava a subjetividade enquanto expressão do artista e se molda na modernidade em prosa, transformando a subjetividade da alma lírica em prosa do mundo.

> A prosa do mundo hegeliana é uma esfera, na qual o indivíduo não atinge a "visão da liberdade e vitalidade total e autônoma, que fundamentam o conceito de beleza" na qual indivíduo e totalidade não se encontrariam (Golçalves, 2017, p. 192).

Mediante a citação, adequando-se aos moldes da sociedade moderna, com uma visão mais racional e menos sentimentalista. Tudo isso abre espaço para o

percurso que o Espírito trilhou, segundo Hegel, rumo ao *saber absoluto*, ou seja, ao filosofar.

Na concepção hegeliana, a decadência da arte na modernidade é ocasionada pela perda de sentido da arte por sua igualdade de forma e conteúdo. Isso é decorrente da demasia das paixões e o excesso de interesses pessoais de sua época, o que ele chama de *interesses mesquinhos*. A respeito disso, no volume I dos *Cursos de estética*, Hegel assevera que:

> Em todas estas relações a arte é e permanecerá para nós, do ponto de vista de sua destinação suprema, algo do passado. Com isso, ela também perdeu para nós a autêntica verdade e vitalidade e vitalidade e está relegada à nossa representação, o que torna impossível que ela afirme sua antiga necessidade na realidade efetiva e que ocupe seu lugar superior (Hegel, 2015, p. 35).

Perante o exposto, a forma de arte que ocupava o espaço de mediação adequada entre o ser humano e o espírito agora na modernidade perde esse lugar. A interioridade agora é o campo pelo qual o espírito caminha, as relações de interesses pessoais do indivíduo afloram.

Ademais, o Espírito Absoluto travou uma luta para libertar-se da forma sensível e a exposição do sistema das artes representa em detalhes esse percurso de libertação. Para Hegel, "a arte tornou-se um instrumento livre que ele pode manusear uniformemente, conforme sua habilidade subjetiva em relação a cada conteúdo, seja de que espécie ele for" (Hegel, 2014a, p. 340). Cabe ao artista, principalmente o moderno, lançar sobre suas criações a interioridade livre, sem métrica e sem muita forma.

Diante disso, a questão do "fim da arte" não significa que não se produzirá arte no tempo posterior ao que Hegel viveu, devido a evolução e sua percepção dialética inerente à dinâmica histórica, o fim pode ser descrito como momento de passagem, um novo começo, como bem indicou Vieweg: "não se trata de modo algum nesse final de sua morte ou de sua destruição, mas do começo da Arete livre, cujo "santo" é o humano, a humanidade livre, do ser livre (rico de chances bem como arriscado) dos conteúdos e das formas da arte." (Vieweg, 2009, p. 159)

Assim sendo, o filósofo pós-moderno Danto, em consonância com a dialética hegeliana, mas com sua própria interpretação, entende o "fim da arte" por um horizonte metafísico, pensando a saída da arte sacra para a obra de arte sendo fruto de um trabalho artístico: "essas imagens – ícones, realmente - desempenhavam na vida das pessoas em um papel muito diferente daquele que as obras de arte vieram a ter quando o conceito finalmente emergiu e alguma coisa como considerações estéticas" (Danto, 2006, p. 4). Então mesmo que haja um fim da arte para uso centralizado do sagrado e de um novo início de outro uso da arte, no caso de Danto, o novo destino da arte era a crítica de arte.

Para Hegel, não é surpresa que a arte perdesse seu espaço para o pensamento em relação à representação de entidades religiosas na modernidade com o surgimento do protestantismo. Se comparar a passagem do medievo para a modernidade, esse lugar representativo do conteúdo religioso, antes ocupado pela arte (escultura) perde um pouco de força, se pensarmos que a impulsionalidade do saber e os enveredamentos da pesquisa aguçam no ser humano a busca da espiritualidade interior, na história esse momento é datado como o início do movimento da *Reforma Protestante* que começa na Idade Moderna, no século XVI, tendo como principal líder Martinho Lutero (1483-1546). Assim, a figura da

representação religiosa foi chamada para fora do âmbito da sensibilidade, para o interior do pensamento.

Assim, o campo de estudo filosófico da arte teve de ir para além das esculturas, das cores, das pinturas, e preparar seu solo para a fertilidade da linguagem, seja no âmbito da criação poética ou de sua crítica. Canda chama a atenção que esse reposicionamento foi interpretado por Hegel como uma característica da própria arte: "a arte é um fenômeno social e é resultante também do repertório cultural do artista, que manifesta-se livre para criar, podendo, inclusive, questionar ou superar as reflexões produzidas por sua cultura e seu tempo histórico" (Canda, 2010, p. 69).

Em vista disso, não podemos entender o "fim da arte" como questão cravada em uma época ou de um movimento artístico único. Essa antes de tudo é uma interrogação conceitual e aberta, e por isso que até hoje é alimentada nas produções da comunidade acadêmica despertando novos olhares. Mas, entendemos que mesmo que o assunto não seja atribuído somente a um tempo, para que Hegel levantasse essa questão ele precisou focar sua tese em um início, mesmo que não abrigue a exclusividade de pensar o "fim da arte" apenas na modernidade, é notável que é a partir do que ele observa no seu tempo que começa a desenrolar essa ideia e o problema do "fim da arte" torna-se aberto a interpretações futuras.

Nesse consenso, Süssenkind afirma que, "com isso, o impacto do diagnóstico do fim da arte está ligado à crise – ou sequência de crises – não só dos modelos tradicionais de criação artística, como também do próprio conceito de arte" (Süssenkind, 2017, p. 19). Diante de tamanha liberdade e interioridade do espírito a uma falta de consenso do que poderia ser de fato considerado arte, isso decorre do aumento da liberdade da subjetividade do artista que produz a arte romântica e também do sujeito que tem contato com suas produções.

É nesse sentido, que o Werle entende *o fim da arte* ao mesmo tempo como uma "perda" e um "ganho", perda pois a arte deixar de expressar a harmonia com o absoluto e ganho pelo fato da liberdade subjetiva e espiritual da arte moderna proporcionar autoconhecimento capaz nos afastar de "relações substanciais primitivas, antes ligadas a uma harmonia com a natureza",(Werle, 2011, p. 14) totalmente unilateral, formal, e nos encaminhar "para um desdobramento de nossas potencialidade 'interiores', subjetivas e reflexivas" (Werle, 2011, p. 15).

Nessa medida, podemos entender o "fim da arte" como um marco histórico que, ao mesmo tempo que estabelece o término da adequação entre forma e conteúdo, estabelece também uma passagem para uma nova maneira de pensar a arte, ocasionando o início de outras formas de representação e reflexão, pois para Hegel o Espírito sempre movimenta-se para frente e não para, renovando seus interesses de acordo com cada época.

Referências

CANDA, C. N. A arte e a estética em Hegel: reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana. *Theoria Revista Eletrônica de Filosofia*. a. 201, n. 06, v. 03, 2010.

DANTO, A. C. *Após o fim da arte:* a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

GONÇALVES, M. C. F. *O belo e o destino:* uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Edição Loyola, 2001.

GONÇALVES, M. C. F. Tempo poético e tempo prosaico: uma oposição dialética da estética de Hegel. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. a. 1, n. 23, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Volume I. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora Edusp, 2015.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Volume II. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora Edusp, 2014a.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Volume III. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora Edusp, 2014b.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Volume IV. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora Edusp, 2014c.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830) - Volume I: A ciência da lógica. Tradução de Paulo Menezes e José N. Machado. São Paulo: Loyola, 1995a.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830) - Volume II: Filosofia da natureza. Tradução de José Nogueira Machado e Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 1997.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830) - Volume III: Filosofia do Espírito. Tradução de Paulo Menezes e José N. Machado. São Paulo: Loyola, 1995b.

HEGEL. G. W. F. *Fenomenologia do espírito.* Tradução de Paulo Menezes, Karl-Heinz Efken e José Nogueira Machado. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOSURDO, D. *Hegel e a liberdade dos modernos*. Tradução: Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira. 1. Edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

MIRANDA, M. L. *10 lições sobre Hegel*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.

SAES, F. de A. A expressão linguística na concepção hegeliana da poesia. *Arte e Estética*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 225-238, 2019.

SÜSSENKIND, P. *Teoria do fim da arte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

TAYLOR, C. *Hegel*: sistema, método e estrutura. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: É Realizações Editora. 2014

TORRECILHA, G. *Hegel e as artes*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

WERLE, M. A. *Aparência sensível da ideia:* estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

WERLE, M, A. *A questão do fim da arte*. São Paulo: Hedra, 2011.

VIEWEG, K. A arte moderna como superação da orientalidade do classicismo - Hegel e o fim da arte. In: WERLE, M. A.; GALÉ, P. F. (Orgs.). *Arte e filosofia no idealismo alemão*. São Paulo: Barcarola, pp. 151-173, 2009.

Recebido em: 08/2026
Aprovado em: 10/2026